

---

# AS REPRESENTAÇÕES METAFORIZADAS E SIMBÓLICAS DA PERSONAGEM MARCELA EM *A OSTRA E O VENTO*, DE MOACIR COSTA LOPES

## METAPHORIZED AND SYMBOLIC REPRESENTATIONS OF CHARACTER MARCELA IN *A OSTRA E O VENTO*, BY MOACIR COSTA LOPES

Lanaiza do Nascimento Silva Araújo<sup>1</sup>

**Resumo:** Nosso objetivo nesse artigo é realizar um estudo em torno da personagem Marcela, protagonista da obra *A ostra e o vento*, escrita em 1964, por Moacir Costa Lopes, buscando destacar suas características a partir das imagens simbólicas e metaforizadas que a obra traz. Na construção da personagem, a narrativa apresenta uma camada simbólica representativa e metáforas que estão associadas ao seu estado de conturbação mental, trazendo um viés de indeterminação para a sua figura.

**Abstract:** Our goal in this article is to carry out a study about the character Marcela, protagonist in the novel *A ostra e o vento*, written in 1964, by Moacir Costa Lopes, seeking to highlight their characteristics from these symbolic and metaphORIZED images that work brings. In building character, the narrative uses a representative symbolic layer and metaphors that are associated with your state of mental turmoil, eventually bring a bias uncertainty for your figure.

**Palavras-chave:** Personagem; Simbologia; Complexidade; *A ostra e o vento*.

**Keywords:** Character; Symbols; Complexity; *A ostra e o vento*.

Em 1964, Moacir Costa Lopes publica o romance *A ostra e o vento* já muito bem recebido pela crítica e pelo público e despertando interesse de estudiosos norte-americanos para a sua narrativa. Essa obra, considerada com uma das mais bem realizadas na produção do escritor, nos apresenta uma estruturação desconcertante e complexa. A narrativa se constrói em uma pluralidade de vozes enunciadoras; o tempo mistura passado, presente e futuro de forma abrupta; e o discurso se dá em uma linguagem lírica muito expressiva.

A narrativa conta a história de uma menina transformando-se em mulher em uma ilha, vivendo rodeada apenas por homens, como seu pai, José, e o ajudante do farol, Daniel. Aprisionada na sua solidão e no desejo de se relacionar com mais alguém, a menina projeta no vento um rapaz que chama de Saulo e que toma conta de todos os seus pensamentos. O relacionamento desmedido com Saulo e o isolamento no espaço da ilha causam grande conturbação mental, levando Marcela a se autodestruir.

Todas as características de *A ostra e o vento* apontam para aspectos da narrativa moderna apre-

1

sentando-nos um enredo complexo, uma narrativa extremamente psicológica através de uma técnica muito bem trabalhada. Isso pode ser observado também no modo de construção da personagem protagonista, que se constitui em uma mistura de traços e características que se confundem e se opõem, inviabilizando uma caracterização da personagem com traços bem delimitados e definidos.

A representação de Marcela torna-se complexa quando consideramos a peculiaridade na construção de sua figura. Há a manifestação de uma camada simbólica presente em toda a narrativa que se relaciona com os conflitos da personagem e com a sua própria configuração. A ocorrência desse simbolismo instaura uma plurissignificação evidente no texto de Lopes, pois ele não se estrutura a partir de uma linguagem mais referencial. Antes se reveste de uma polissemia e ambiguidade, resultantes de uma cadeia recorrente de elementos simbólicos, que transmitem certo teor de poeticidade à narrativa.

Nesse sentido, percebe-se que não temos uma obra narrada de forma objetiva, mas a instauração de uma linguagem lírica e subjetiva, que se caracteriza por meio do uso de elementos próprios do discurso poético, tais como as repetições, a circularidade, o ritmo, as metáforas, as simbologias etc. Podemos observar alguns desses elementos por meio do fragmento: “, manhã manhã de mais uma era que finda e reinicia no roldão das horas e do vento, eternidade vazia, indivisível, manhã de muitas eras inuteismente repetidas, cinzenta, mar agitado, neblina dissipando-se, ilha ilha ilha ... ilha dos Afogados!” (LOPES, 2000, p. 13)

Através de tal passagem, torna-se explícita a peculiar exploração da linguagem nessa narrativa de Lopes. Não se trata de uma linguagem comum, transparente, mas elíptica, fragmentada, caracterizada pelo uso de frases coordenadas que provocam rupturas, lembrando a cadência dos versos. Observam-se ainda as constantes repetições do termo “manhã”, “ilha”, transmitindo uma espécie de ritmo de fluidez para o que está sendo narrado.

Partindo dessa constatação, ressaltamos que toda a linguagem de *A ostra e o vento* caracteriza-se pela interiorização do discurso, ditada pelas lembranças, instaurando a ambiguidade do discurso entrecortado. Somam-se a isso tudo a presença de um lirismo permanente, determinado pelas lembranças dos fatos passados em que percebemos a intriga se desenvolver de forma internalizada, bem como a instauração do mistério, do irreal, do fantástico, que transmitem uma atmosfera de fantasia, de lendas, com caráter de fábula. Todas essas características perpassam um sentimento de poeticidade para a narrativa, inclusive, de forma mais enfática, pelo uso de metáforas e de várias simbologias espalhadas por todo o romance.

Todavia, antes de partirmos para a exploração dos símbolos nesse romance, convém discorrer um pouco sobre tal terminologia, observando que a caracterização do símbolo é um território difícil de penetrar e demarcar de forma precisa, pois sua conceituação aparece sempre relacionada ao conceito de imagem e esta ao conceito de metáfora. René Wellek e Austin Warren (1962) expõem de forma relevante as dificuldades de exploração dos termos imagem, metáfora, símbolo e mito, por pertencerem a áreas que se interpenetram e representam a convergência de duas linhas, uma da par-

particularidade sensorial que se relaciona com o estético, e outra, com o caráter figurativo e de tropos, permitindo a comparação de mundos por meio da transferência de termos em outros tipos de construções. Diante disso, tais teóricos conceituam o símbolo como alguma coisa que está a representar algo distinto, “um objeto que se refere a outro objeto, mas que merece também atenção por direito próprio, pela maneira porque se apresenta” (WELLEK; WARREN, 1962, p. 237) e destaca a particularidade que tende a diferenciá-lo da imagem e da metáfora, no que se refere à recorrência e na persistência do símbolo: “Uma imagem pode invocar-se uma vez como metáfora, mas se se repete persistentemente, quer como apresentação, quer como representação, torna-se um símbolo” (WELLEK; WARREN, 1962, p. 237).

Além desse caráter de fixidez e recorrência, deve-se levar em consideração o caráter histórico dos símbolos, observando que são construídos e determinados por fatores sociais e culturais de épocas específicas, são criados e fixados tendo como base a dinâmica sociocultural e, por isso, podem apresentar sentidos divergentes de acordo com determinada cultura em que foram produzidos e obedecendo ao sistema de significações de tal conjuntura formada e estabelecida.

Nessa narrativa de Lopes, acompanhar a construção da camada simbólica que caracteriza a diegese é de extrema importância para que possamos seguir a análise da construção de Marcela, observando que a representação da personagem tende a ser adensada e problematizada à medida que a adoção do viés simbólico que a caracteriza torna-a mais plurissignificativa.

Nosso intuito não é realizar um estudo pormenorizado em torno da linguagem simbólica presente em *A ostra e o vento*, mas sim, fazer um levantamento e a interpretação de alguns dos símbolos mais funcionais que estão diretamente relacionados à configuração de Marcela dentro do universo diegético.

Esses símbolos podem ser caracterizados por meio de dois grupos maiores que se desdobram dentro da narrativa e que estão relacionados aos grandes conflitos de Marcela. De um lado, destaca-se uma gama de símbolos que representam a sua figura atrelada à questão da sexualidade ou do amor, de outro, observam-se vários símbolos que estão ligados à questão do isolamento e da solidão vivenciados por ela. Além disso, evidenciam-se algumas particularidades essenciais que dizem respeito à caracterização da personagem, como a exploração do seu próprio nome e as várias metáforas que se depreendem ao longo da narrativa e que irão fornecendo várias representações da protagonista. Nesse sentido, vale ressaltar que os próprios símbolos e metáforas apresentadas vão estabelecendo-se em forma de tensão dentro do romance, pois, na maioria das vezes, um mesmo símbolo pode suscitar sentidos divergentes que, ao invés de esclarecer e traçar um perfil caracterizador de Marcela, instaura a ambiguidade e o caráter paradoxal das representações que inviabilizam a construção de uma imagem estruturada de tal personagem.

Inicialmente, voltamos para a interpretação da camada simbólica que representa a figura

de Marcela atrelada a questões de sexualidade ou do amor. Observa-se em muitos momentos do romance, sob a perspectiva de várias personagens, uma recorrência na descrição de um comportamento bastante significativo de Marcela: o ato de chapinhar os pés no córrego sempre que descia até a praia. Tal ato, no contexto simbólico da narrativa, sugere uma relação sexual, quando se considera a imagem da água a penetrar e se apoderar dos pés desnudos; traz, além disso, uma conotação de fertilidade pelo fato de ser a água um dos elementos evocados como fonte de fecundação da terra. Além disso, destaca-se a alusão ao ramo de manjerição constantemente preso atrás da orelha de Marcela, que, pelo seu forte e particular aroma suscita, a ideia do desejo, da instigação do olfato como um dos elementos atrativos relacionados com a sensualidade.

De forma mais expressiva, no que diz respeito aos símbolos que suscitam a ideia da sexualidade, realça-se a identificação da personagem com as flores, presente em muitas passagens do romance, sugerindo a imagem do afloramento, do transformar-se em mulher, já que assim como as flores nasciam e desabrochavam Marcela também começava a despertar para a sua sexualidade: “fui regar as flores e demorei-me muito observando uma dália que se abria. A dália, eu e a ilha parecíamos estar exalando beleza” (LOPES, 2000, p. 50).

Essa simbologia da flor torna-se mais significativa quando comparada com a sua relação com o vento, através da identificação da figura de Saulo com o vento e de Marcela com as flores, representando a relação amorosa entre os dois e a particularidade com que essa associação é utilizada em uma das passagens da narrativa, quando Marcela começa a perceber que seu envolvimento com Saulo não se constituía como uma relação sexual verdadeira:

O que lhe restava? Que caminhos? Reinventar-se criança, voltar a desabrochar-se nas flores? Muito tarde. Dálías e rosas e jasmim e begônias continuam a abrir-se com a infância repetida de todas as manhãs, mas elas não pensam, não sofrem, o perfume é seu canto de virgindade. Admitem no ventre a posse do vento mas não geram outras flores, por isso nunca se tornam adultas. Se pensassem achariam inútil sua virgindade, porque ninguém a colhe (LOPES, 2000, p. 113).

Nota-se, por meio do fragmento, uma espécie de processo de antropomorfização das flores, descrito através do olho do narrador ao apresentar as flores com atributos próprios do ser humano, pelo uso das expressões “infância”, “virgindade”, “ventre”. Tal processo tende a evidenciar a aproximação de Marcela com as flores, pois a flor funciona nesse contexto como um elemento de reprodução que se relaciona com a personagem.

Percebe-se ainda que o fragmento expõe a problemática de Marcela no momento em que deseja perder sua virgindade, admitindo que por meio de Saulo seria impossível isso acontecer, dada a

sua incorporalidade. Assim, faz referência ao processo de polinização das flores que acontece através do vento, visto que ele é o responsável por carregar o pólen de flor em flor para que aconteça a reprodução: a relação das flores com o vento se dá apenas pelo toque. Essa aproximação do ato reprodutor das flores com a relação amorosa entre Saulo e Marcela é muito reveladora para indicar a particularidade do envolvimento entre eles, apenas pelo bater do vento em seu corpo, incapaz de retirar-lhe a virgindade.

Podemos destacar também a tensão criada em torno dessas duas representações: a das flores e a do vento. Observa-se que a imagem da flor está mais relacionada com a questão da feminilidade, da sutileza, do perfume, de algo estático, caracterizado por sua incapacidade de mobilidade, em detrimento do vento que está relacionado com o caráter masculino e se caracteriza pelos atributos de algo móvel, dinâmico, que está em constante movimento. Essas imagens nos direcionam para uma discussão pertinente em torno da relação entre Saulo e Marcela, uma vez que o caráter estático da flor caracterizada pela fixidez revela o estado de isolamento próprio a Marcela, em oposição ao caráter de mobilidade do vento, determinado pela liberdade. Sendo assim, depreende-se que Marcela tenta projetar no seu relacionamento com Saulo alguns atributos que ela não poderia possuir dada a sua condição na ilha.

Por outro viés, vale ressaltar a aproximação de Saulo com a figura do vento que, em um de seus muitos aspectos, é retratado como sinônimo de sopro, veículo do espírito e que se relaciona com a figura misteriosa de Saulo como sendo um ser incorpóreo criado pela imaginação de Marcela. Por outro lado, o vento se apresenta também como matéria do reino intermediário entre o céu e a terra. Essas simbologias, se por um lado, reforçam a ideia de Saulo como um ser incorpóreo, por outro, mantêm a particularidade indefinida dessa personagem, por se revelar como um intermediário entre as coisas divinas e as coisas terrenas. Além disso, o vento aparece relacionado com os fenômenos de turbulência, de agitação de coisas inquietas, tal representação pode reforçar a grande força intempes-tiva que se cria no interior de Marcela, depois do aparecimento de Saulo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 935).

Ainda relacionado com a figura de Saulo, destaca-se a simbologia do seu próprio nome, expressa dentro da narrativa, sob o ponto de vista de Daniel em um esforço por entender a natureza misteriosa da personagem. Por meio de uma explicação hermética, Daniel insinua uma relação entre a própria forma do nome Saulo, observada através do desenho de cada letra, com a trajetória de Marcela. Ou seja, o leitor consegue demarcar em um esforço de interpretação que a simbologia do nome de Saulo apresentada na perspectiva de Daniel condensa toda a problemática de Marcela exposta ao longo da narrativa:

SAULO! A letra S é um caminho tortuoso que percorremos, de fora para dentro e de dentro para fora, num crescendo, e depois retornamos a nós mesmos...

A letra **A** é o princípio e o fim, interligados, é o ápice, e tem a aparência de uma torre de farol. – A letra **U** é o equilíbrio entre o bem e o mal, o poder de absorver e repelir, a tração entre o polo positivo e o polo negativo. – A letra **L** é a decisão, o passo, a curva...  
A letra **O** são as cadeias fechadas, é a ilha fora e dentro de nós mesmos (LOPES, 2000, p. 98, grifo nosso).

Percebe-se que a referência ao caminho tortuoso concentrada na letra **s** sugere as próprias inquietações e os conflitos internos de Marcela, buscando respostas tanto internamente como externamente, essa é uma das características que condensa a natureza da personagem, o fato de estar sempre se questionando a todo o momento, impelida pelas constantes mudanças provocadas em sua vida e que aparecem exatamente no momento em que Marcela passa a referir-se a Saulo.

A interligação entre o princípio e o fim através da letra **A** revela a grandeza de Saulo, como ligado à eternidade, sendo o ser que concentra todo o poder e domínio sobre a ilha. Tal constatação pode ser ratificada pela referência feita à torre de farol que representa o caráter de dominação de Saulo em relação à Marcela. Isso se reforça pelo fato dele ter sido o único a permanecer naquele espaço mesmo depois do desaparecimento de todas as pessoas.

Posteriormente, a representação do equilíbrio na letra **U** sugere a possibilidade de Marcela conviver com Saulo de forma positiva ou negativa, de absorver o bem ou o mal. Tal traço define a particularidade da condição de Marcela que marcada por todas as transformações ocorridas em seu interior, as diversas problemáticas vivenciadas na ilha, teria a oportunidade de absorver todos os fatos de forma positiva e tentar encontrar uma solução para os problemas ou, como acaba acontecendo, a personagem deixa-se tomar por uma espécie de conturbação interior que a faz perder o contato com a realidade, sem capacidade de discernimento de suas atitudes.

Adiante temos a representação da letra **L**, o momento crucial da decisão que encerra o estado mais conturbado da personagem: entregar-se a Saulo em detrimento de uma vivência com seu pai e com Roberto (ajudante de farol que substitui Daniel), expulsar todos os habitantes da ilha para tentar vivenciar uma vida alegre e feliz sem o aprisionamento e a solidão da ilha, sem as restrições de amor e com a possibilidade de ter um verdadeiro companheiro com quem poderia desfrutar da sua vida sexual e amorosa.

Mas será exatamente essa decisão crucial de permanecer sozinha com Saulo na ilha, deixando que os outros habitantes se lancem ao mar revolto, que resulta na instauração da tragédia, da destruição, da figura de Marcela presa no seu estado interior de maior conturbação e decidindo também seguir o mesmo caminho que tomou seu pai e Roberto. Essa referência da letra **O**, representando o círculo, perpassa a ideia da permanência de Saulo e Marcela como essência da ilha, circundados e aprisionados eternamente nessa cadeia fechada, ilhados e isolados tanto interiormente como externamente.

De outro modo, não podemos deixar de mencionar a particularidade que se forma em torno do vento ao considerar a tensão criada com a representação da ostra, que definem o próprio título do romance. De antemão, conseguimos perceber o vento como ligado à liberdade, à abertura, ao dinamismo, em oposição à ostra, que representa o aprisionamento, o fechamento, a fixidez. Essa constatação retoma a tensão criada em torno da flor e do vento, como relatamos anteriormente, e nos leva a observar que a imagem de Marcela está sempre exposta em oposição à imagem de Saulo.

Por fim, podemos destacar um dos símbolos mais centrais que representam a imagem de Marcela relacionada à sua problemática diante da sexualidade: a ostra. Inicialmente, é relevante notar as simbologias que se depreendem da concha que abriga a ostra. Pelo seu próprio formato, a concha aparece relacionada com o órgão sexual feminino e por se formar na água sempre está atrelada aos sentidos de fecundação e fertilidade. Mais que isso, a concha suscita a lenda do nascimento de Vênus, a deusa do amor, da beleza e da sexualidade, como ressalta Chevalier & Gheerbrant (2007, p. 270). Em contrapartida, Lexikon (1990, p. 63) chama atenção para outro tipo de simbolismo que se reverbera da concha, a ideia da pureza, por dois motivos, primeiro, pela ligação com a Virgem Maria que abrigou em seu útero Jesus, a pérola preciosa, e ainda pelo fato de que se acreditava, durante a Idade Média, que a concha permanecia virgem, mesmo sendo fecundada pelas gotas de orvalho. Nesse sentido, a concha representa o símbolo da virgindade, da pureza, que entra em tensão com a imagem da concha ligada ao erótico pela referência a Vênus, mas essa tensão além de deixar evidente a particularidade do símbolo com suas várias conotações, muitas vezes, contraditórias, tende a reforçar a ideia da complexidade de Marcela, pois nem mesmo pelo viés simbólico sua imagem se colocará de forma coesa. Essa dualidade evidente observada pela representação da concha ressalta significativamente um dos conflitos centrais de Marcela exposto em uma das passagens do romance:

Segurou com a mão direita a ponta da faca e forçou-a nas arestas da concha de uma ostra. Só então reparou na resistência para manter-se fechada, e parecia morrer no instante em que sua vida interior era desvendada (...) Enfim abriu uma concha, examinou-a e arrependeu-se de tê-la aberto. Comprimiu-a entre as mãos, tentando fechá-la outra vez, mas quando a largou na areia ela tornou a abrir-se. Estava morta a ostra e não mais necessitava abrigar-se na concha, não tinha razão de fechar-se. Fora desvendada e por isso morreria (LOPES, 2000, p. 61-62).

A problematização dada pela particularidade da ostra que depois de aberta, revelada, morre, representa todo o conflito interior de Marcela: o medo de ser desvendada, vivendo presa por um dilema considerável, ao mesmo tempo em que deseja descobrir e vivenciar sua sexualidade sente medo dessa descoberta e, assim, permanece dividida entre a curiosidade e o medo, dualidade esta simbolizada pela duplicidade de caracterização da concha, como vimos anteriormente, que concentra a simbologia da sexualidade de Vênus, em oposição ao símbolo da pureza da Virgem Maria.

Por outro lado, é relevante considerar ainda, como destaca Chevalier & Gheerbrant (2007, p. 668), a ostra como o animal que secreta a pérola, que acumula riquezas, mas que se fecha incondicionalmente com medo de ser profanada, assim acontece com Marcela, guardando com afinco a sua vida interior como a pérola preciosa e vivendo na dialética de querer abrir-se, mas com receio de ao fazê-lo, acabar perdendo a sua riqueza essencial: a sua virgindade. Essa interpretação torna-se mais embasada quando observamos que a pérola intacta é tida como símbolo da virgindade, representada como alguma coisa escondida, pura e difícil de alcançar. Sendo assim, ressaltamos que essa junção da simbologia da ostra como símbolo de pureza por guardar a pérola preciosa com a figura da personagem torna-se bastante representativa quando consideramos que no fim da narrativa existe a insinuação que Marcela se transformou em uma pequena ostra, permanecendo pura, sem ter sido desvendada por ninguém.

Depois de expor todas as imagens simbólicas que representam Marcela ligada à questão da sexualidade ou do amor, voltamo-nos para outro grupo de símbolos que estão relacionados com a problemática do isolamento e da solidão experimentados pela personagem. A simbologia da ostra vista por esse outro ângulo é bastante representativa para relacionar com a solidão compulsória em que vivia Marcela, isolada em seu próprio mundo, em seus conflitos mais extremados, como se vivesse “encerrada na concha de uma ostra” (LOPES, 2000, p. 162). Essa imagem do aprisionamento da personagem em relação ao fechamento da ostra através da concha será reforçada em muitos momentos do romance, uma vez que a mesma imagem volta na perspectiva de outras personagens.

Por diferente viés, não podemos deixar de considerar um dos símbolos mais centrais do romance que condensa a ideia de isolamento: a própria ilha. Em alguns momentos da narrativa, observa-se a aproximação da figura de Marcela com a ilha, tal associação reforça a ideia do aprisionamento da personagem, pois a imagem da ilha, geograficamente, já alude à questão de isolamento, de algo circundado, de difícil acesso. Mais que isso, em um dos aspectos simbólicos da ilha encontra-se a imagem de isolamento, solidão e morte (CIRLOT, 2005). Esse simbolismo referido condensa toda a trajetória da personagem, já que Marcela se caracteriza por ser uma pessoa que ao viver em isolamento evidente, entregou-se à solidão compulsória, afastando-se da realidade, o que ocasionou na sua destruição.

Vale ressaltar que a simbologia da ilha em outro aspecto diferencia-se totalmente dessa imagem do isolamento, visto que se revela como o lugar do refúgio, da terra desconhecida, rica em surpresas, capaz de oferecer o silêncio e a paz tão buscados em meio à agitação do mundo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 501). Essa amalgamação de sentidos divergentes reforça a ideia de que todo símbolo é condicionado socialmente porque pode apresentar divergência de sentidos, visto ser instituído e fixado em determinadas épocas e em culturas específicas. Dentro do contexto do romance estudado, o aspecto simbólico da ilha como o lugar que aprisiona, oprime e provoca a solidão compulsória, parece ser o viés mais relevante para considerarmos sua pertinência diante da

---

caracterização de Marcela.

Outra figura será bastante central e significativa para entendermos o isolamento de Marcela, trata-se da imagem do farol que aparece sempre relacionada com a figura de José, seu pai, com sua atitude repressora diante da filha. De acordo com Chevalier (2007, p. 889), um dos aspectos simbólicos da torre diz respeito à questão da vigilância. Essa imagem nos direciona para o controle do pai em relação à Marcela, vigiando-a dia e noite ao redor da ilha. A imagem do farol com sua luz sempre com o mesmo movimento circular representaria essa vigilância sem cessar, como enormes olhos a procurar e a perseguir alguém. Tal particularidade simbólica do farol reforça o aprisionamento e o isolamento da personagem. Além disso, o farol também é representado como um símbolo fálico, o que nos encaminha mais uma vez para as questões da sexualidade que são bastante representativas na trajetória de Marcela.

Do mesmo modo, considera-se dentro da diegese outra gama de elementos simbólicos que irão representar o isolamento de Marcela: a menção feita a vários animais marinhos comuns no ambiente da ilha. De um lado, observa-se a referência feita aos pólipos, pertencentes à classe de invertebrados que vivem alojados em uma estrutura calcária, se agrupando para formar os corais. São caracterizados por pertencerem à família dos indivíduos solitários (cnidários) que apresentam forma cilíndrica de tubo e permanecem sempre fixos em rochas. De outro lado, considera-se a referência feita às fôladas<sup>2</sup>, pertencentes ao gênero de moluscos marinhos, esses seres escavam longas galerias no calcário para se abrigarem de modo permanente, são animais que “constroem nas pedras sua morada e nelas morrem” (LOPES, 2000, p. 61). Esse fato de eleger as pedras para a morada suscita a imagem de embrutecimento, de ausência de vida, que se relaciona com o habitat de Marcela, ambiente isolado, inóspito, de vida concentrada e solitária que pode levar à inexistência de vida sadia e feliz. Tais referências aos pólipos e fôladas reforçam o sentimento de enclausuramento de Marcela como sendo uma pessoa que estava condenada a viver aprisionada e fixada em um mesmo lugar.

Vale ressaltar ainda, no que diz respeito ao uso de símbolos para caracterizar Marcela, uma menção logo no início da narrativa ao mito de Ícaro, que, *a priori*, é exposto para ilustrar a curiosidade de menina em um momento em que Daniel conta histórias para ela. Mas essa menção a Ícaro torna-se bastante simbólica quando passamos a considerar o desfecho do mito. Vejamos a passagem do romance:

- É bonita essa história, mas o que é fonólito, que é fenda? Que foi que o moço fez com as asas? Ele morava nesta ilha?
- Não, ele viveu nos longes do tempo. Deixa ver... seu nome era Ícaro e foi recomendado para não voar muito alto.
- Como os catraios e as gaivotas?

---

<sup>2</sup> As informações acerca dos termos fôladas e pólipos foram retiradas da Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998, p. 2481; 4678) e da Grande Enciclopédia Delta Larousse (1974, p. 5430).

-Podia voar um pouco mais alto. No entanto, era muito jovem e curioso assim como você, e não seguiu os conselhos. Quando sentiu que podia voar emocionou-se e quis voar sempre mais alto. Então os raios de sol derreteram a cera com que foram coladas as penas e o moço tombou no chão.

- Pobrezinho! Você conheceu ele? (LOPES, 2000, p. 35-36).

Tal reprodução do mito por Daniel pauta-se em um dos aspectos de interpretação possíveis da história de Ícaro, como sendo o menino, que por não seguir os conselhos do pai, acaba causando a sua própria destruição. Nesse sentido, Ícaro aparece como símbolo da imprudência, da insensatez, daquele que se concentrou demais no emotivo, no desejo de chegar cada vez mais alto, afastando-se da realidade.

Diante disso, podemos fazer uma relação com a trajetória de Marcela, pois tal simbologia se conecta muito bem com a sua perturbação psíquica, o voo em sua imaginação, que a fez perder o contato com a realidade. No entanto, consideramos esse apenas um dos modos de interpretar o mito, ao concentrar-se na imagem de Ícaro como aquele que se entrega a aventuras insensatas que levam a sua própria decadência. Se analisarmos o mito por outro viés é possível destacar que a história de Ícaro pode ser interpretada também como símbolo do isolamento vivenciado por ele e Dédalo, seu pai, dado que foram presos no labirinto, como forma de castigo, por Dédalo ter ajudado Ariadne e Te-seu a derrotar o Minotauro (GRIMAL, 1993, p. 241). Dessa forma, considera-se que o mito de Ícaro simboliza, de outro modo, o desejo pela libertação do aprisionamento, uma busca extremada pela liberdade. Tal representação do mito pode ser associada com o isolamento experimentado por Marcela e os outros habitantes da ilha, procurando formas de libertar-se do local tão aprisionador.

O voo exasperado de Ícaro simboliza o desejo pela liberdade que caracteriza também a figura de Marcela, mesmo que a atitude tão repleta de boas intenções acabe revelando o sentido contrário, o momento da destruição, tanto para Ícaro como para Marcela, que encontraram no mar o lugar da sua ruína. No mito de Ícaro, durante a queda, ele cai no mar, assim como Marcela que, no momento de maior desespero, lança-se às águas salgadas. A única divergência dessa interpretação do mito com a representação de Marcela diz respeito ao relacionamento com o pai. No mito de Ícaro, embora seja o pai o ocasionador do isolamento no labirinto, Dédalo tenta livrar-se do aprisionamento, criando as asas de cera para permitir a libertação do filho, em *A ostra e o vento*, o pai tenta de todas as formas reprimir e impedir a liberdade de Marcela. São essas atitudes que ocasionam a sua conturbação psicológica e o encontro com a sua própria destruição.

Essa referência à destruição das personagens do romance direciona para a própria simbologia do nome da ilha: a ilha dos Afogados, representando os indivíduos que se isolaram em seus próprios sentimentos e foram destruídos:

Lembrou-se das fóladas que a esta ora nas pedras do coral, emitem fosforescência azulada, como uma multidão de olhos arregalados. Às vezes em sonho aqueles olhos gritam e são gritos de afogados. Quem pôs nesta ilha o nome de Afogados? Por causa das fóladas ou dos naufragos que já vieram ter a esta praia? (LOPES, 2000, p. 65).

Denota-se por meio da narrativa que o nome da ilha tem uma explicação geográfica por apresentar uma corrente marítima muito forte que faz com que as embarcações sejam jogadas nas rochas e provoquem vários naufrágios. No entanto, não se pode deixar de relacioná-la com a própria destruição de todos os habitantes da ilha que se lançam ao mar revoltos e não conseguem voltar, afogados pelas águas, mas também afogados em seus próprios conflitos interiores, como se dá com Marcela. Essa evidência poderá ser reforçada por meio da menção feita às fóladas que emitem fosforescência azul e lembram olhos de afogados. Tal imagem será reiterada muitas vezes no discurso de Marcela como se ela temesse e até previsse esse final trágico e destruidor pelo qual passariam as personagens.

Depois dessas considerações, ressalta-se que todo o simbolismo evidenciado nessa narrativa de Lopes cria um sentimento de unidade entre as partes do romance, instaurando uma pluralidade de significados dentro da diegese e tornando mais polissêmica a representação de Marcela. Isso ganha maior evidência quando consideramos um traço essencial na caracterização da personagem, o seu próprio nome.

Inicialmente, de forma mais literal, o nome MARCELA aparece como variação de macela, um tipo de erva da família das compostas por folhas grossas, agudas e flores amarelas e brancas, sendo usada na medicina caseira (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 4154). Essa informação em torno do nome Marcela nos direciona para a sua aproximação com a natureza, e também, reitera a imagem da personagem relacionada com as flores, característica já discutida anteriormente. Além disso, ainda é possível considerar que tal planta caracteriza-se pelo seu aroma peculiar, o que nos direciona para a caracterização de Marcela voltada para o traço do apelo olfativo que reforça a ideia da instigação da sexualidade, conforme discutimos anteriormente.

Em contrapartida, de outro modo, dentro do contexto da narrativa, considera-se que o nome Marcela é formado pela junção de dois vocábulos, Mar e cela, perpassando a imagem de aprisionada no mar, circundada na ilha, o que reforçaria a questão do isolamento e da solidão que definem uma de suas problemáticas internas. Mas a simbologia do nome vai além dessa leitura inicial, revelando um movimento paradoxal da representação dúbia da personagem que tende a adensar sua configuração: MAR – CELA representa, concomitantemente, os símbolos da fechadura e da abertura, da liberdade e da prisão, do enclausuramento e da amplitude. Nesse sentido, nota-se que o nome da personagem concentra um movimento de tensão, de contradição que se relaciona com a sua própria trajetória conturbada e reforça a complexidade de Marcela.

Nesse sentido, é possível destacar que a construção dessa narrativa de Lopes não pretende

edificar uma configuração delimitada da personagem, pois o que se evidencia é uma verdadeira problematização da sua existência humana, de sua configuração, criando a representação de um ser complexo, obscuro, ilimitado. Essa evidência torna-se patente se formos colhendo ao longo de toda a narrativa as caracterizações metaforizadas de Marcela.

Na perspectiva de Daniel, a personagem é definida como “completa em cada gesto” (LOPES, 2000, p. 22), ou ainda será considerada como “maior que a ilha” (LOPES, 2000, p. 82), denotando a importância e a grandeza que Marcela representava para ele, com a capacidade de preencher todos os espaços e tornar-se a importância daquele lugar. Já em outros momentos, Daniel observa Marcela como “fechada como a concha de uma ostra” (LOPES, 2000, p. 81), demarcando as fases em que ela passou a se isolar de forma extrema de todos que a cercavam. Essa referência será reiterada pela própria Marcela, numa das passagens do romance quando sente estar “encerrada na concha de uma ostra” (LOPES, 2000, p. 62), enfatizando os seus momentos de isolamento e de solidão. No entanto, em outras circunstâncias, Marcela se considera como sendo “do tamanho do voo das gaivotas” (LOPES, 2000, p. 2), nos instantes em que ainda experimentava de um sentimento de liberdade na ilha. Todas essas imagens metafóricas reforçam o movimento de tensão criada dentro do romance em torno da caracterização de Marcela.

Além dessas representações, observa-se pela perspectiva do narrador heterodiegético que Marcela é caracterizada como “manhã, rodeada de sol” (LOPES, 2000, p. 43) já em outra circunstância é “pequena e frágil, criança perdida” (LOPES, 2000, p. 148). Diante dessas imagens, notamos a representação da personagem, em um primeiro momento, como alguém iluminada, cheia de vida, dado que o vocábulo “rodeada” perpassa a ideia de alguém que emite e exala, de dentro para fora, a luz. Todas essas imagens relacionam-se à ideia de felicidade, de alegria, em detrimento da outra representação, no segundo momento, Marcela como uma pessoa cheia de fragilidade, um ser que está perdido, perpassando imagens de tristeza, de opressão, de pessimismo. Essas variações de caracterização serão explicitadas pelo acompanhamento das constantes mudanças que a personagem enfrenta ao longo da narrativa, impedindo a construção de uma imagem coesa e estruturada.

Se considerarmos ao lado de todas essas descrições metafóricas utilizadas para representar Marcela uma gama de outras metáforas espalhadas pela narrativa, conseguiremos demarcar um quadro de tensões e associações que permitem traçar várias caracterizações em torno de Marcela, reforçando sua configuração como de um ser de identidade misteriosa, dissociada e destoante.

Observamos como as representações de Marcela vão colocando-se como contraditórias, anti-téticas, culminando no reforço da complexidade que se cria em torno de sua figura. Quando Marcela é caracterizada como “completa em cada gesto” (LOPES, 2000, p. 22) podemos notar a associação revelada em torno de Marcela e o espaço da ilha, pois em outro momento da narrativa aparece a afirmação de que “a ilha é um mundo completo” (LOPES, 2000, p. 22), ou seja, há o destaque para a imagem de Marcela como completa, assim como a ilha também se mostrava como completa.

Na comparação de Marcela com a ostra, é possível perceber a criação da associação entre a ostra e a ilha, quando afirma-se que “cada ostra é uma ilha” (LOPES, 2000, p. 61) e, depois, todas as imagens de Marcela vão desembocar na sua analogia com o espaço da ilha, apresentando-a como igual à ilha: “Marcela é toda a ilha” (LOPES, 2000, p. 20), ou superior à ilha: “Marcela era maior que a ilha” (LOPES, 2000, p. 82), revelando a capacidade de isolamento da personagem e a própria identificação dela com o espaço e a natureza. Sendo assim, percebemos que ao reunir e associar todas essas metáforas, teremos a formação da seguinte equação: ostra = ilha = Marcela = ilha.

Todas essas associações vão desembocar na identificação da imagem de Marcela com a imagem da ilha, fato que nos direciona para uma das descrições da ilha exposta na narrativa: “A ilha é um segredo que nem ao mar revela sua virgindade” (LOPES, 2000, p. 16). Essa imagem reforça a ideia de complexidade e mistério que se colocam para a natureza da personagem, pois assim como a ilha se apresenta como um mistério, impossível de ser revelado, assim acontece com Marcela, não é possível determinar de forma precisa suas características bem delimitadas dentro da narrativa, permanecendo como um segredo indecifrável, enfatizado por meio de todo o jogo de contradições, de representações múltiplas e simbólicas que inviabilizam qualquer determinação precisa.

Poderíamos dizer que a figura de Marcela relaciona-se com a particularidade de um dos tipos de personagens definido por Antonio Candido (2009, p. 60), “seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério”, opondo-se totalmente ao outro tipo de personagem por ele definido, os “seres íntegros” e de fácil delimitação, com certos traços característicos bem demarcados.

Depois de examinar a complexidade da personagem por meio da linguagem utilizada para caracterizá-la, com o uso de um discurso simbólico evidente e por meio das várias metáforas espalhadas ao longo da narrativa, destaca-se que a caracterização apresentou-se de forma cifrada e metafórica e não de forma referencial e transparente. Encontramos uma junção de imagens para apresentar a personagem, mas revelada de forma contraditória, culminando na representação de sua figura como atrelada ao misterioso e ao inacessível. Uma personagem complexa tipicamente moderna.

## Referências

CANDIDO, Antonio [et al]. *A personagem de ficção*. 11ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Trad. Vera da Costa e Silva [et al.]. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

---

CIRLOT, Juan – Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Farias. São Paulo: Centauro, 2005.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova cultural, 1998, nº10; 19.

GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A, 1974.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1990.

LOPES, Moacir Costa. *A ostra e o vento*. 7. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.